

EDUCAÇÃO ESTÉTICO-AMBIENTAL E MASCULINIDADES

RAPHAEL LIMA DA ROSA¹; DIANA PAULA SALOMÃO FREITAS²; EDSON PONICK³

¹Universidade Federal de Pelotas – raphaellrosa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – disalomao@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – edsonponick@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história, multiplicam-se os exemplos de horrores e atos de heroísmo protagonizados por homens. Nossas cidades são marcadas com monumentos que celebram figuras masculinas. São homenageados por terem sido considerados honrados, mesmo que — em sua maioria — tenham escravizado, matado e colonizado. São inúmeros também os que matam e morrem em nome de valores patriarcais. Em 2024, foram registrados 1.492 casos de feminicídio no Brasil — o maior número desde 2015, ano em que a Lei nº 13.104 passou a tipificar o feminicídio como crime. Houve aumento em 11 estados, que juntos registraram 757 ocorrências, mais da metade do total nacional. Vale destacar que, em 2024, o feminicídio passou a ser considerado um crime autônomo, e não mais um agravante do homicídio doloso. Essa mudança simbólica reforça a gravidade dessa forma de violência e pode contribuir para a redução da subnotificação, pois antes a caracterização do feminicídio dependia do boletim de ocorrência, o qual nem sempre era atualizado ao longo do processo investigativo (Medina, 2025).

Me aproximo desse contexto a partir das contribuições teóricas da autora feminista bell hooks. Em *A Vontade de Mudar: homens, masculinidades e amor*, ela propõe uma reflexão sobre a masculinidade patriarcal, ao destacar como meninos aprendem desde cedo a reprimir emoções, impor respeito e dominar mulheres. Segundo hooks (2025), o que se sabe sobre os homens, em grande parte, é mediado pela violência que exercem, o que gera medo e distanciamento. Seu convite é para que possamos olhar para os homens além da violência, reconhecendo os efeitos da socialização patriarcal e violenta em suas subjetividades.

Considerando o exposto, este texto tem como objetivo refletir sobre o potencial da Educação Estético-Ambiental para tensionar imagens de masculinidades hegemônicas e patriarcais. Esta escrita surge a partir da disciplina Música e Educação Estético-Ambiental (EEA) na Educação Básica, oferecida no curso de especialização em Educação, da Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Este trabalho constitui-se a partir do contexto de uma experiência estética guiada no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG). A proposta era uma abertura sensível à experiência. A exposição do patrono, intitulada “Virilidade e Identidade: o corpo masculino na obra de Gotuzzo”, proporcionou um espaço fecundo de reflexão. A escolha de uma revisão narrativa justifica-se por

possibilitar uma abordagem ampla, que oferece flexibilidade para articular os conceitos de masculinidade hegemônica e Educação Estético-Ambiental, favorecendo a construção de uma reflexão crítica sobre a temática investigada. Esse tipo de revisão tem como objetivo principal apresentar de maneira panorâmica o conhecimento existente, sem necessariamente seguir protocolos rigorosos de busca e seleção dos estudos (CAVALCANTE E OLIVEIRA, 2020).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição apresentava uma série de retratos de homens, predominantemente brancos e sérios — em sua maioria vestidos, alguns poucos nus ou andróginos quando nus. Havia dois quadros de homens amarelos, em trajes folclóricos, estereotipados, mas eram natureza-morta, bibelôs. A ausência de sorrisos e o modo como os corpos são representados reforçam um ideal de masculinidade viril, austera e respeitável, moldado por convenções sociais do período e por uma clientela da qual o artista dependia financeiramente. No entanto, foi no contraponto com a segunda exposição, situada no salão adjacente, composta por obras contemporâneas de diferentes artistas, que a discussão se aprofundou. Fomos convidados a selecionar, com o auxílio de um recorte retangular feito em um pedaço de folha preta, uma parte de alguma obra que dialogasse com a exposição anterior. Quase todas as obras foram escolhidas pelos grupos, exceto uma — justamente a única a representar figuras masculinas negras, em festa, com expressões diversas, entre homens e mulheres. Embora chamativa em dimensão e cor, essa obra permaneceu invisibilizada por nossa turma. Esse apagamento simbólico evoca a reflexão de Frantz Fanon (2008) sobre a construção do homem negro na modernidade colonial: um homem cuja humanidade é constantemente negada, pois não corresponde ao modelo de virilidade eurocentrado e colonial. Como aponta Deivison Faustino Nkosi (2019), trata-se do “pênis sem falo”, ou seja, do corpo masculino negro cujas sexualidade e identidade são marcadas pela ausência simbólica de poder e reconhecimento. Naquele dia, naquele museu, mesmo diante de uma proposta de abertura à experiência estética, esses homens não foram vistos. A invisibilidade da masculinidade negra naquela dinâmica espelha como a imagem do “homem de verdade” continua ancorada em parâmetros normativos, racistas e coloniais.

O conceito de masculinidade hegemônica, embora historicamente situado e sujeito a transformações, permanece central para a compreensão das dinâmicas de poder que atravessam as relações de gênero. Conforme formulado por R. W. Connell, em *Masculinities* (2005), a masculinidade hegemônica refere-se à forma culturalmente dominante e idealizada de ser homem em um dado contexto, a qual legitima a subordinação das mulheres e de outras formas de masculinidade — especialmente as não alinhadas ao modelo viril, heterossexual, autossuficiente e agressivo. Essa construção normativa funciona como parâmetro de valor e aspiração para os homens, ao mesmo tempo em que marginaliza expressões divergentes. Trata-se, portanto, de um padrão relacional, sustentado por instituições sociais, práticas culturais e processos educativos, que naturaliza desigualdades e contribui para a reprodução de violências de gênero. Compreender essa estrutura simbólica e social é essencial para pensar como práticas educativas — como a Educação Estético-Ambiental — podem oferecer contranarrativas potentes que podem desestabilizar tais imagens cristalizadas de masculinidade.

Essas narrativas violentas são historicamente construídas. Segundo bell hooks (2025), a socialização dos meninos no contexto do patriarcado ocorre por meio de um processo rigoroso e prejudicial, que impõe normas rígidas de gênero, sobretudo no que se refere à negação e supressão das emoções, com exceção da raiva. Desde cedo, os meninos são ensinados a não expressar sentimentos considerados vulneráveis ou “femininos”, como o medo, o choro ou a necessidade de afeto, uma vez que a cultura patriarcal associa a masculinidade autêntica à dureza, à resistência emocional e à dominação. Essa construção começa a ser reforçada ainda na infância e se intensifica em espaços como a escola, onde os papéis sexuais são rigidamente reproduzidos, sobretudo pelos próprios colegas, que passam a atuar como agentes de vigilância e correção de condutas.

Na transição do ambiente doméstico para o social, se antes podiam chorar ou expressar sentimentos abertamente, logo se veem compelidos a ocultar suas emoções, conformando-se à ideia de que homens devem ser impenetráveis e reativos diante de qualquer ameaça. bell hooks (2025) destaca ainda que, mesmo em contextos familiares mais afetuosos ou menos patriarcais, poucos meninos conseguem sustentar sua integridade emocional no convívio social mais amplo. São frequentemente pressionados a viver uma “vida dupla”: sensíveis no espaço privado, mas endurecidos em público. Essa exigência cultural contribui para a formação de homens emocionalmente empobrecidos, com dificuldades em estabelecer vínculos amorosos profundos e mais propensos a reproduzir comportamentos violentos.

Subjaz a esse contexto o patriarcado, que, para bell hooks (2025), caracteriza-se como um sistema político e social arraigado, que condiciona quase todos a rechaçar a vida emocional dos meninos, constituindo uma forma de pensamento e prática que exige que homens neguem, suprimam e desativem sua consciência emocional e a capacidade de sentir. Ela destaca que o patriarcado não é um acaso da natureza, mas uma estrutura que impõe rígidos papéis sexuais e controla as expressões emocionais, especialmente dos meninos e homens, pela negação de sua humanidade plena. Além disso, bell hooks diferencia o patriarcado político do patriarcado psicológico, que está incrustado na psique tanto dos homens quanto das mulheres, como uma dinâmica que exalta certas qualidades “masculinas” enquanto desvaloriza as “femininas”. Criando assim uma “dança do desprezo” que suprime a verdadeira intimidade e promove dominação, manipulação e submissão. Portanto, o patriarcado abarca tanto manifestações concretas na vida cotidiana quanto formas psicológicas de opressão internalizadas por todos os envolvidos.

A Educação Estético-Ambiental pode desempenhar um papel significativo na problematização e transformação das pressões patriarcais que sustentam performances de masculinidade violenta. Por meio de uma abordagem que valoriza a dimensão sensível, relacional e estética do ser, essas práticas educativas contribuem para a abertura de espaços de escuta, expressão e reflexão, ampliando a percepção dos sujeitos sobre si e sobre o mundo. A Educação Estético-Ambiental, em especial, propõe uma reconexão emocional com a natureza, com as criações humanas e com o próprio corpo, combatendo o racionalismo e o tecnicismo predominantes na lógica educativa tradicional — muitas vezes alinhados a valores patriarcais como o controle, a rigidez e a negação da vulnerabilidade (Terra Silveira, Salomão de Freitas e Estévez, 2020). Ao favorecer o desenvolvimento de uma percepção mais afetiva e crítica das relações, ela possibilita o surgimento de formas de ser e de se relacionar menos condicionadas pela normatividade violenta da masculinidade hegemônica.

4. CONCLUSÕES

Este texto tinha como objetivo refletir sobre o potencial da Educação Estético-Ambiental para tensionar imagens de masculinidades hegemônicas e patriarcais. A partir das considerações apresentadas, tornou-se evidente que as imagens de homem estão profundamente enraizadas em uma cultura patriarcal que nega a sensibilidade, suprime a afetividade e consagra ideais de dominação. A experiência estética vivida no MALG evidenciou como essas representações continuam operando tanto no campo da arte quanto nas percepções cotidianas, inclusive através da invisibilização simbólica de corpos negros e de masculinidades dissidentes. Ao mesmo tempo, a Educação Estético-Ambiental, em diálogo com a música e com práticas artísticas, apresenta-se como um caminho potente para tensionar e ressignificar essas imagens normativas. Ao cultivar a sensibilidade, o vínculo com o mundo e a escuta das emoções, essa abordagem amplia os horizontes formativos e relacionais de crianças, jovens e adultos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEDINA, M. Femicídio aumenta em 11 estados, e Brasil registra recorde de mortes ligadas a gênero em 2024. **Brasil de Fato**. 24.jul.2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/07/24/feminicidio-aumenta-em-11-estados-brasil>. Acesso em: 26 de jul de 2025.

HOOKS, B. **A vontade de mudar**: homens, masculinidades e amor. [s.l.] São Paulo: Editora Elefante, 2025.

CAVALCANTE, L.T.C.; DE OLIVEIRA, A.A.S. Métodos de Revisão Bibliográfica nos Estudos Científicos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, 2020

FANON, F. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: Editora Da Universidade Federal Da Bahia, 2008.

NKOSI, D.F. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo in: **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher / organização Eva Alterman Blay. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Pp. 75

CONNELL, R.W. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley, Calif.: University Of California Press, 2005.

CONNELL, R; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, abr. 2013.

SILVEIRA, W; FREITAS, D; ESTÉVEZ, P. R. O que é a educação estético-ambiental? In: FREITAS, Diana et al. (organizadoras). **Experiências didático-pedagógicas com educação estético-ambiental na formação acadêmico-profissional**. Veranópolis - RS: Diálogo Freiriano, 2020.